

# Afroperspectiva

por Crislane Rosa



**Coordenação da coleção**  
Stéfane Souto

**Coordenação de comunicação**  
Samir Pereira

**Coordenação de conteúdo**  
**Edição e revisão**  
Lara Carvalho

**Projeto gráfico e diagramação**  
Carol Patriarca

**Comunicação Digital**  
l'sis Almeida

Rosa, Crislane

“Como dizia a minha avó”: ensaiando contribuições para a construção de afroperspectivas / Crislane Rosa – 1. ed. – Salvador - Bahia – Cadernos Transatlânticos, 2024.

17p., 16 f.: il.; 21,01 x 29,71 cm.

1 livro digital: il. color.

E-book, no formato PDF.

Modo de acesso: <https://www.transatlantica.co>

1. Afroperspectiva. 2. Quilombo. 3. Cultura afro-brasileira. I. Rosa, Crislane. II. Souto, Stéfane (org).

Realização:



Apoio:



## Nascente

Com quais fundamentos se faz a gestão da cultura em afroperspectiva(s)? Quando nos conectamos com nossas fontes primordiais de saberes, inúmeras são as possibilidades. Através de uma curadoria sensível de temas e autorias que alimentam o fluxo da produção de conhecimento negro na contemporaneidade, a coleção Cadernos Transatlânticos apresenta textos ensaísticos originais, com o propósito de mapear, reunir e repercutir os referenciais teóricos possíveis para orientar uma outra construção sobre o campo da cultura. O projeto editorial da Transatlântica deseja ser um espaço de expressão e liberdade criativa no âmbito da pesquisa, atuando como multiplicador de horizontes de pensamento e atuação na cultura e na sociedade.

Desejamos, sobretudo, que os Cadernos sejam para quem os lê como uma bica ofertando novos mundos de forma abundante. Uma fonte natural. Um encontro de marés.

Afetuosamente,

Stéfane Souto

Coordenadora Editorial



# “Como dizia a minha avó”: ensaiando contribuições para a construção de afroperspectivas

Crislane Rosa

## Ato I - Se enxergue

*Jogaram negros e bebês num mar de sangue*

*É por isso que existe tsunami*

*(Tasha&Tracie em POCO)*

Ao ser convidada para escrever sobre afroperspectiva, três questões surgiram: quem são as autoras que refletem sobre o tema? De quem é o conceito? Como ele tem sido trabalhado no Brasil? Essas são as primeiras perguntas que aparecem para uma intelectual negra radicada na academia – ou melhor, que recebe alguma legitimação em torno das suas reflexões por possuir os selos acadêmicos convencionais: “licenciada”, “bacharel”, “mestre” etc. Marcadores que definem quem pode e quem não pode falar sobre determinados temas, ainda que os papéis que comprovam tais formações não signifiquem muita coisa num país “fundamentalmente anti-intelectual”, para lembrar bell hooks (1995). No meu caso, a formação se deu na área da Geografia Humana, especialmente nos estudos urbanos, com ênfase na produção do espaço desde o trabalho de mulheres negras. Diria, contudo, que não foram as disciplinas de graduação e de pós que me direcionaram ao significado de afroperspectiva, mas sim o convívio com mulheres dos movimentos negros de Salvador, que conjuram a transformação da sociedade a partir das suas experiências na agora conhecida como “Capital Afro”<sup>1</sup>.

Experiência era exatamente a palavra-ponto em que gostaria de chegar, porque mesmo defendendo a importância de refletirmos sobre os conceitos

---

<sup>1</sup> Embora o percentual populacional negro de Salvador seja significativo, especialmente se comparado a outras capitais do país, e este dado se materialize nas expressões culturais desde a formação da cidade, foi apenas na última década que termos como “afro”, “ancestral” e “diáspora” começaram a estampar campanhas e políticas públicas. Reconheço a importância da representatividade no processo de lutas, mas vale a pena olhar para as contradições que os próprios eventos, encontros e atividades propostas nessa perspectiva apontam. Para conhecer um eixo, [acesse esse site](#).



e temas a partir delas, ainda me pego nos deslocamentos que reiteram cisões coloniais movimentando-se de fora para dentro – quem definiu, o que significa, como refletir a partir de lá... De lá de onde? Cabe aqui, neste primeiro ato, uma diferenciação crucial: experienciar o mundo não significa necessariamente problematizá-lo, o que retira da cena qualquer essencialismo em torno do que significa ser negra e mulher e mulher negra, situação sociológica da qual escrevo; e a inserção na academia não garante “régua e compasso” (Gil, 1972) para refletir sobre a experiência negra, mas também não os desmonta, a despeito do que se pode considerar, por via do essencialismo, uma reflexão negra orgânica<sup>2</sup>.

Pontos de vista, como propôs Donna Haraway e endossou Ochy Curiel (2014), não surgem com o intuito de restringir as reflexões, mas de tomá-las em seus devidos “lugares”, compreender os seus percursos e, conseqüentemente, mirar as suas intencionalidades para destituí-las, caso seja necessário. Tal diferenciação torna-se essencial menos por considerá-la um ponto de partida para os breves apontamentos que farei sobre o tema, e mais pelas confusões que encontro dos discursos acerca do “lugar de fala”, proposto por Djamila Ribeiro (2017), e seus derivados. Afinal, quem pode produzir a partir das afroperspectivas? Não me demorarei nessa questão, especialmente por considerar o texto de Jota Mombaça (2021) mais-que-suficiente para quem se interessa em analisar com profundidade e radicalidade os significados da pluralização de sujeitos (e das suas vozes)<sup>3</sup>.

O que é afroperspectiva? Retorno ao ponto inicial reposicionando a pergunta e fazendo jus às minhas próprias considerações. Como mulher negra baiana da classe trabalhadora, a minha primeira sugestão é de pluralizar o substantivo. Durante anos fomos bombardeadas com informações acerca da negritude commodificada, e mesmo hoje, com a facilidade de acesso às produções de sujeitas negras, continuamos nos referindo à negritude como um bloco unívoco sempre que relaxamos um pouco. Ao lidar cotidianamente com a imposição da diferença como desigualdade, evidenciar um mero “s” ao final não é tarefa difícil. Afirmar a pluralidade dos sujeitos é pluralizar as possíveis perspectivas. O termo/conceito/chave, portanto, me remete à construção de reflexões que partam da experiência

---

<sup>2</sup> Neste caso, não me refiro à proposta gramsciana. Orgânico aqui se aproxima do sentido de “natural”, o que é, por si só, racista. Para aprofundar a reflexão, sugiro o filme *American Fiction* (2023), de Cord Jefferson.

<sup>3</sup> O texto de Jota Mombaça a que me refiro é “Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala” (2021). Ver referências.

negra, neste caso, a experiência de quem tornou-se negra, no sentido souziano<sup>4</sup>.

A afroperspectiva é um conceito/chave que nos ajuda a refletir sobre as experiências negras na diáspora e criar a partir dela. É um ponto de partida. E, neste caso, criar também abrange as experiências na gestão cultural, levando em conta o aspecto imaginativo que sugere tal ação, ainda que, neste texto, me interesse mais abordar as tangentes do que os raios que compõem esse círculo. Valeria aí apontar, de início, que as afroperspectivas reinventam os sentidos de tempo e de espaço, assim como da relação com a natureza, uma vez que não é a colonialidade que guia as leituras sobre a realidade. A construção de afroperspectivas compreende uma virada epistemológica – e também ontológica – na produção do conhecimento, este que agora se desloca aos saberes não-marcados que, com o seu propósito, marcam. As rappers Tasha&Tracie (2024), na epígrafe que abre este ato, apontam uma relação que dialetiza a natureza e deslineariza o tempo, ao ler eventos naturais como resposta de um processo histórico. Para elas, o sentido de natureza viva ganha movimento, distinguindo-se da ruptura que funda o que entendemos por humanidade.

Para criar a partir das afroperspectivas é necessário abrir os poros. Darei um exemplo: estive em uma aula inaugural do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, com uma mesa composta por Denise Carrascosa, Natália Alves e Ricardo Aleixo<sup>5</sup>. Na ocasião, toda a reverberação da sala cheia ansiava as palavras de Aleixo, mestre e poeta e performer e tudo mais que o movimento possibilita, que estava iniciando as suas atividades como professor visitante na UFBA. Ao final, uma jovem mulher negra tomou timidamente a fala e disse: *eu não conhecia nenhum de vocês, não sei bem como vim parar nessa atividade, mas estar aqui me emocionou muito, me deu uma vontade de chorar que eu não sei de onde veio*. A sala inteira lacrimejou. São esses os sentidos (e sentires) que, em alguma medida, compõem as afroperspectivas: lidamos com a palavra dita, escrita e não-dita. É também assim que a produção dos saberes segue o seu curso, dando vazão às nossas histórias individuais e coletivas.

O que se percebe é que há um modo de (sobre)viver que circula além da

---

<sup>4</sup> Souziano refere-se ao pensamento de Neusa dos Santos Souza, autora natural de Cachoeira-Bahia, que contribuiu profundamente para os estudos sobre subjetividade negra no Brasil, embora seu trabalho só recentemente venha ganhando a devida divulgação.

<sup>5</sup> A aula inaugural intitulada “Uma arte em movimento: afro-diaspórica, experimental, intermídia”, aconteceu no dia 15 de março de 2024.



oralidade. É isso que minha avó Ana Maria Palma, Lélia Gonzalez, Audre Lorde, Denise Carrascosa, Onisajé, Conceição Evaristo, Ani Ganzala, Mãe Stella de Oxóssi, Rita Santa Rita, Tasha&Tracie e tantas outras mulheres negras mostram com as suas práticas e criações, com as suas presenças e ausências. Por essas e outras as afroperspectivas compreendem um ponto de partida que não é fixo e se molda pela coletividade. Com este ensaio, objetivo reunir notas sobre o tema, trazendo para a roda algumas contribuições de mulheres negras na diáspora para a sua implementação. Não busco definir, cartografar ou historicizá-lo, mas apresentar caminhos (pouco inéditos) para a sua construção.

Uma das premissas é o fato de a cultura ser produzida, necessariamente, junto à produção e reprodução das relações sociais, ora refletindo as suas violências, ora atuando no seu desmantelamento. Não é possível, então, pensar a gestão cultural fora de um olhar para a imbricação racismo-sexismo-capitalismo, assim como é fundamental nos atentarmos para a produção do espaço, tendo em vista que este é condição para a reprodução das relações sociais, como propôs Ana Fani A. Carlos (2015). Muito além da localização, é preciso entender as práticas espaciais (e o que revelam) em seus contextos para driblar as armadilhas neoliberais. É no mesmo sentido que se faz necessário enxergar as posições que ocupamos como estratégia de reconhecimento, o que possibilita entranhar as brechas e construir outros caminhos individuais e coletivos.

## **Ato II - Se compreenda**

*O lixo vai falar, e numa boa.*

*(Lélia Gonzalez)*



Me lembro que da primeira vez que li “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (Gonzalez, 1984) estava em um ônibus que liga Salvador a Camaçari, cidade da Região Metropolitana onde vivem os meus familiares. A surpresa se iniciou com a primeira linha da epígrafe, elemento pré-textual normalmente utilizado para a citação de excertos “clássicos” da academia, onde Lélia Gonzalez faz uma descrição socioespacial da presença negra em espaços embranquecidos. A autora escreve com o corpo todo porque, além da sua análise crítica, se impregna nas formas e faz uso delas. E faz isso porque se enxerga, se compreende, como dizia minha avó, e se plantou em seus objetivos: desmantelar a tríplice discriminação

(racismo, sexismo e classismo). Tal posicionamento é necessário para a construção de afroperspectivas, se a definirmos como um caminho comprometido com a transformação social.

Na necessária busca por referências acerca do tema, me deparei com as proposições de Renato Nogueira (2014), particularmente no que se refere a uma filosofia afroperspectivista, que, para o autor, é um modo filosofar que não recebe o prefixo “afro” apenas como uma demarcação espacial, sendo “um quesito existencial, político, estético e que nada tem de essencialista ou metafísico” (ibidem). Para a sua construção, convoca autorias como Abdias Nascimento, Sobonfu Somé, Molefi Asanti e Eduardo Viveiros de Castro. Em uma lista de quatorze aspectos que compõem a filosofia afroperspectivista, algumas me chamaram mais a atenção e são elas que trarei para cá, porque auxiliam na compreensão e em seu uso como conceito que extrapola o campo da filosofia.

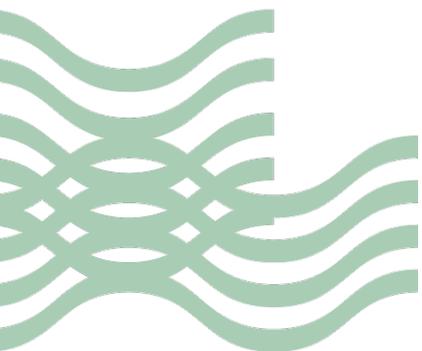
Para Renato Nogueira (2014), a *afroperspectividade define a filosofia como uma coreografia do pensamento*. Por sua vez, o corpo é convocado, o que nos leva ao segundo aspecto, onde o pensamento é definido como o *movimento de ideias corporificadas, porque só é possível pensar através do corpo*. Além disso, o tempo não pode ser visto como uma linha e a *roda é um dos seus métodos*, inspirada nas rodas de capoeira, de samba, entre outros espaços de construção de saberes. A afroperspectividade também é *policêntrica*, pois *percebe, identifica e defende a existência de várias centricidades e perspectivas* – o que reitera o plural que indico no Ato I. Vale destacar que, para o autor, *a afroperspectiva é uma contribuição política para pensarmos o Brasil em outros termos, através de cosmovisões que não são ocidentais*.

O que se pode notar é que apontar as afroperspectivas é caminhar **com** a história, redefinindo os sentidos de origem para os fatos que antecedem a acumulação primitiva do capital. Essa redefinição multiplica o seu valor quando o lemos por meio da passagem de objeto a sujeito no que se refere às pessoas negras. Ao girar o corpo para o processo de autodefinição de mulheres negras, eu gostaria de apontar alguns conceitos que podem ser lidos como percursos entrelaçados às afroperspectivas, como a Amefricanidade defendida por Lélia Gonzalez (1984) ou as significações do Quilombo lançadas por Beatriz Nascimento. Conceição Evaristo, em sua trajetória, propõe as Escrivências; Kimberlee Crenshaw propõe a Interseccionalidade; Thiffany Odara nos direciona para as pedagogias da desobediência; Leda Maria Martins sugere as Oralituras. Todas, considerando os

seus tempos e espaços de produção, apontam para viradas epistemológicas que, quando vistos de perto, já materializam a construção de afroperspectivas. Há uma funda(menta)ção em curso que explicita o corpo no jogo das relações, assim como despedaça as imposições coloniais em suas práticas – como faz Lélia no artigo de onde a epígrafe deste ato é extraída.

Neusa dos Santos Souza (1983), em seu clássico livro, define a partir de aspectos sociais e psicanalíticos o que significa se tornar negro na sociedade que o funda. Para ela, diante de todas as violências a que somos submetidas antes mesmo de nascer, tornar-se negro é *possuir um discurso sobre si*. Para construir afroperspectivas, este também é um começo. É preciso refletir sobre e a partir da própria posição, em seu sentido mais amplo, e deslocar-se dos parâmetros eurocentrados na construção das análises, independente do campo de atuação. Requer, aliás, uma radicalização da própria posição. É nesse sentido que retorno às questões que me acompanham ao mobilizar conceitos: as reflexões propostas por mulheres negras dentro e fora da academia compõem, na prática, a construção de afroperspectivas?<sup>6</sup> Pessoas trans compõem e têm sido alcançadas pelas afroperspectivas? E as pessoas em situação de rua ou privadas de liberdade? Na passagem de objeto a sujeito o que é que fica dentro ou fora do centro? Me questiono sobre o que, mesmo nas policentricidades, permanece nas periferias – aspecto que, inclusive, me parece de crucial importância no campo da cultura.

O debate feito por Patrícia Hill Collins (2016) acerca da autodefinição e autoavaliação como chaves do feminismo negro cabem, portanto, a um convite coletivo de reflexão sobre as afroperspectivas. Para a autora,



[a]utodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p. 102, grifos meus)

---

<sup>6</sup>Aqui me refiro à “comunidade negra”, deslocando a branquitude para a periferia, como propõe Toni Morrison no documentário *Toni Morrison: The Pieces I Am* (2019), dirigido por Timothy Greenfield-Sanders.

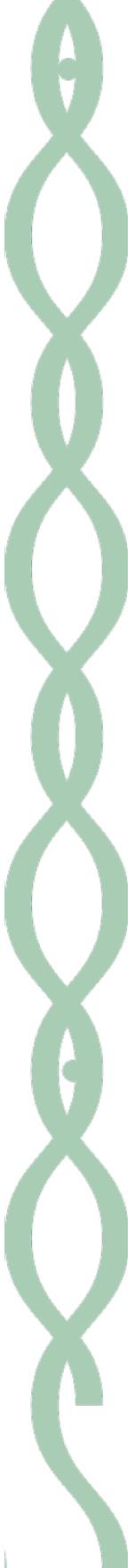
No que se refere às mulheres negras, a autodefinição *dialoga com a dinâmica do poder envolvida no ato de se definir imagens do self e da comunidade*, enquanto a autoavaliação *trata do conteúdo de fato dessas autodefinições* (COLLINS, 2016). Nota-se, portanto, ambos são processos combinados que vinculam o “eu” ao “nós”, o que me remete à análise de Conceição Evaristo<sup>7</sup> acerca dos espelhos de Oxum e de Yemanjá. A escritora conta que o espelho de Oxum é onde se pode ver seu valor: *é aquele espelho que me revela, mas que a minha contemplação não me neutraliza dos perigos ao redor. É um espelho que me revela e é minha arma de luta. Quando eu me aproprio daquilo que eu sou, com toda a minha potencialidade, eu estou pronta para ir em direção ao outro*. O espelho de Yemanjá, por outro lado, refere-se ao acolhimento. É aquele com o qual encontra-se após se fortalecer com o reconhecimento dos próprios valores, podendo ir ao encontro da coletividade. As relações entre autodefinição e autoavaliação, assim como entre os espelhos de Oxum e de Yemanjá, também se traduzem como caminhos possíveis para a construção de afroperspectivas desde a experiência de mulheres negras.<sup>8</sup>

Ainda no que se refere à compreensão de si e das afroperspectivas, bell hooks (2019) sugere a construção de “olhares negros”, definindo-os como olhares questionadores. A autora, politizando as representações negras nos Estados Unidos numa perspectiva crítica radical, demonstrando o processo de outrificação e a necessidade de se opor ao patriarcado supremacista branco capitalista. Produzir a partir da afroperspectiva, assim como desde os olhares negros, é um jeito de reivindicar a nossa própria história. É contar a história para marcá-la, não para ser um enfeite, como assinalou Conceição Evaristo (2024) em sua tardia posse na Academia de Letras de Minas Gerais. E se, como afirmou Renato Nogueira (2014), o corpo que sente é o mesmo corpo que pensa e vice-versa, cabe a nós definir quais são os corpos que integram as nossas perspectivas e de que maneira, para além da teoria.

---

<sup>7</sup> A referência mencionada não está disponível para acesso livre. Aula no curso “Ler o Brasil”, oferecido gratuitamente pela [Casa Sueli Carneiro](#). Na ocasião a autora diferencia os espelhos de Oxum e de Yemanjá do espelho de Narciso. O trecho é uma transcrição livre do que foi dito na aula.

<sup>8</sup> Encontramos em diversas produções audiovisuais brasileiras de mulheres negras a presença explícita dos espelhos, não como uma representação isolada, mas reiterando os seus processos de autodefinição, o que é marcado também pelo que evocam as suas vozes. Luedji Luna, Josyara, MC Tha são algumas delas.



### Ato III - Se plante

*Seguindo a trilha das ancestrais.*

*(Grupo de Mulheres do Alto das Pombas – GRUMAP)*

Este ensaio não tem fim. Fazendo uso de uma proposição do mestre Antônio dos Santos Bispo (2023), poderíamos dizer que é uma escrita estruturada em começo, meio e começo, uma vez que o que me interessa é sustentar a pergunta que provoca o seu início. Com isso, quero dizer que não há qualquer intenção de encerrar a discussão sobre o tema, mas de semear algumas reflexões para que, encontrando terrenos férteis – tantas vezes o nosso próprio corpo – possam germinar<sup>9</sup>. As sugestões aqui descritas se apresentam como mais um caminho na construção de memórias sobre o presente, propondo-se como a captura de um instante da reflexão. A propósito, há no Brasil e no mundo um enorme número de intelectuais negras se debruçando sobre a construção e busca de memórias, tomando-as como tentativa de reverter um passado de apagamentos – o mesmo movimento que sugere a nossa capacidade de inventar o futuro.

É aqui que entram os dizeres da minha avó, que não ecoaram só na minha infância, mas em diversas outras vivenciadas na Bahia. “Se enxergue”, “Se compreenda”, “Se plante” eram maneiras de colocar os nossos pés de volta ao chão quando cometíamos equívocos. Quando os analiso hoje, noto a dimensão dessas palavras e a força que traduzem sobre a experiência de mulheres negras na diáspora. Se enxergar nada tem a ver com a construção colonial do olhar, diz sobre a capacidade de nos vermos e, em alguma medida, analisarmos-nos em completude. Completude que sugere um sujeito, não um objeto. A expressão *se enxergue* hoje chega aos meus ouvidos como um “perceba a si mesma”, que, quando refletida pelo Espelho de Oxum, não se refere a um indivíduo, mas a um sujeito. Sujeito, pela sua dimensão coletiva e relacional, uma vez que essa construção é necessariamente histórica.

*Se compreenda* amplia a noção de se enxergar, adicionando camadas às noções sobre si mesma. Concomitante ao ser convite para se compreender, somos convocadas a refletir sobre as nossas ações, papéis e objetivos, assim como a nossa trajetória, o que pode ser uma tática na orquestração de mudanças. É preciso se

---

<sup>9</sup> Germinar e semear, assim como a ideia de des-envolvimento, são termos e sentidos utilizados por Bispo no livro “A terra dá, a terra quer” (2023).

enxergar para se compreender e vice-versa. Não há hierarquia. Nos vemos ao mesmo tempo pelos espelhos de Oxum e de Yemanjá, mas não são os mesmos reflexos. Tal compreensão convida a ação, a escolha, e ao reconhecimento de quem é, de onde vem e como está: tempo, espaço e memória são imediatamente assentados na roda.

*Se plante* também me lembra Gloria Anzaldúa (2021) quando afirma que lemos e escrevemos de onde os nossos pés estão plantados. Se plantar não é criar raiz e manter-se fixada, mas entender as suas raízes e possíveis fixações – há transplantes, afinal. Todavia, uma vez que nos plantamos, tomamos consciência da nossa posição, e podemos amadurecer (corpo, ideias, movimentos, estratégias...). A relação entre se enxergar, se compreender e se plantar, que aqui foi apresentada em uma sequência aparentemente linear, são introduzidas nas nossas experiências a partir de configurações que atendem uma série de fatores, entre eles os que nos informa sobre o contexto socioespacial no qual nos (des)envolvemos. Diria, porém, que uma vez que elaboramos este processo, a espiral é a configuração que lhe atende. Os três estão juntos e se representam como faces de um mesmo chamado, o que só pude conceber ao rememorar a voz da minha avó.

Se os imperativos convocam o sujeito, essa é uma chave para pensar/fazer/mover cultura: quem são os sujeitos e quem, a revelia dos estudos de gênero e de raça, continuam sendo tratados como objeto – ou enfeite? O que é que vem sendo apropriado pelo capitalismo e revertido como representatividade? Que ações radicalizam a ruptura com a imbricação racismo-sexismo-capitalismo? Quais são as brechas?



Só foi possível amplificar a voz da minha avó em mim através do convívio com outras mulheres negras – *como se ter ido fosse necessário para voltar*, para lembrar Gilberto Gil (1972). Embora o afastamento do tema não seja uma possibilidade para quem assume analisar o mundo a partir das próprias experiências<sup>10</sup>, as idas e vindas para o quintal de Dona Ana se tornaram chaves na compreensão dos caminhos que me constituíram. Construir afroperspectivas é também ouvir as vozes que produzem o nosso convívio íntimo, não como objetos de pesquisa, mas como partes da nossa subjetivação. Nesse interim, vale dizer que a casa é um espaço comumente protagonizado pelas mulheres, e nos afazeres diários uma série de ensinamentos vão sendo passados, revelando relações com o espaço, com o cotidiano e com o próprio corpo<sup>11</sup>. A cozinha, a mesa de jantar e os quintais, quando vistas por esse ângulo, manifestam-se como rodas – aquelas mesmas apresentadas como método por Renato Nogueira (2014) – e só podem ser compreendidas através da ativação de memórias que carregamos. Aqui vale lembrar Audre Lorde (2019), quando afirma que *a poesia não é um luxo*.

Aos dizeres da minha avó, acrescentaria a expressão “Se pergunte”, como ação a ser constantemente lembrada. Ter a pergunta como ponto de partida, é, para intelectuais negras, a afirmação da sua posição de sujeita na produção do conhecimento, e tal afirmação só permanece entre as nossas reivindicações dada à continuidade da imbricação racismo-sexismo-capitalismo. Do mesmo modo, se enxergar, se compreender e se plantar são imperativos que só fazem sentido em contextos em que essas ações não refletem as práticas, seja por desejo ou interdição.

A construção de afroperspectivas, quando trançadas às perspectivas feministas negras, nos levam ao compromissado confronto com o racismo-sexismo-capitalismo. Neste percurso, é preciso estar atenta aos modos como o neoliberalismo vem se apropriando das nossas pautas e fazendo ecoar, entre as “nossas” próprias vozes, germes de autodestruição, o que se torna mais fácil quando entendemos as afroperspectivas como uma prática política. É preciso almejar

---

<sup>10</sup> Todo estudo parte (em alguma medida) da própria experiência, mas os sentidos de universalidade na produção de conhecimento camuflam o sujeito que escreve. A noção de afastamento do objeto de pesquisa substanciou, de diversas maneiras, representações racistas e sexistas em torno da população negra.

<sup>11</sup> A esse respeito, indico a leitura do conto “Girl”, de Jamaica Kincaid, publicado pela primeira vez em 1978 (2003).

horizontes que extrapolem políticas públicas e de representatividade, bem como rever as nossas estratégias e propor exercícios de imaginação que não remontem as estruturas já disseminadas. Quais são os limites para o novo? Se pensar a cultura é lidar com movimentos estéticos, políticos e sociais, que utopias nos cabem? E, afinal, o que seriam afroperspectivas? Enquanto elaboramos respostas, seguimos na trilha das nossas ancestrais.



## Referências

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

BISPO, Antonio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2015.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, 2016.

CURIEL, Ochy. Construyendo metodologias feministas desde el feminismo decolonial. In: **Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista**. Vasco: Hegoa, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Cerimônia de Posse de Conceição Evaristo na Academia Mineira de Letras**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xNOF7ItJQEc>. Acessado em 22 de março de 2024.

GIL, Gilberto. **Back in Bahia** (música). Lançada em 1972. Consultado em 15 de março de 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6NUR9BBJzUYRSW9TjQRd7H?si=b072623803624cb6>

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. In: *Revista Estudos Feministas*, 1995, p. 464. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KINCAID, Jamaica. **Girl**. In: *The Story and its Writer: An Introduction to Short Fiction*. 6th Ed. Boston: Bedford/St. Martin's, 2003.

LORDE, Audre. A poesia não é um luxo. In: **Irmã Outsider: Ensaio e Conferências**. São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala. In: MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, p. 85-90.

NOGUEIRA, Renato. **Ensaio Filosófico** (Entrevista). Volume X – Dezembro/2014. Disponível em: [https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/Renato\\_Noguera\\_Entrevista.pdf](https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/Renato_Noguera_Entrevista.pdf)

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROSA, Crislane. **“Beije sua preta em praça pública”**: da apropriação do corpo à apropriação do espaço. Salvador: Edufba, 2024.

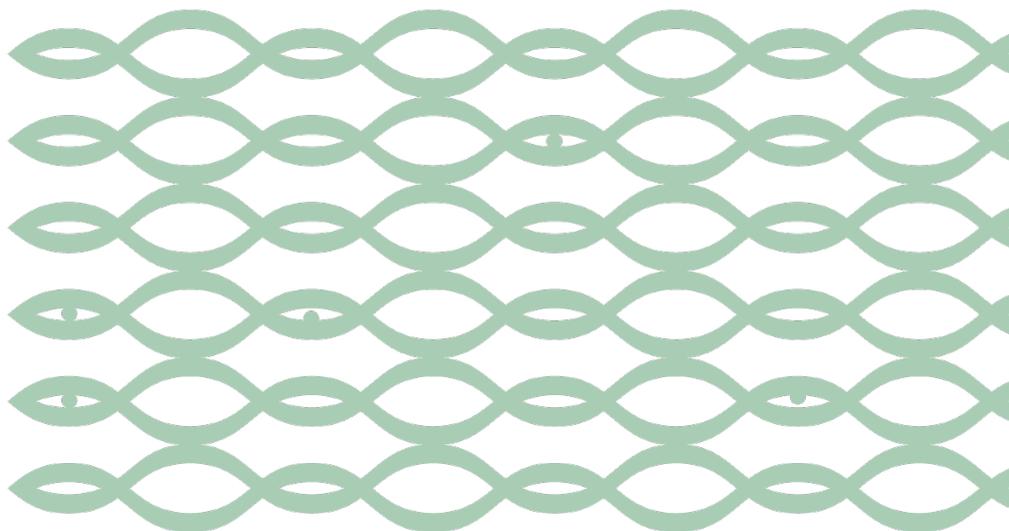
SOUZA, Neusa dos Santos. **Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TASHA&TRACIE. **POCO** (música). Consultado em 15 de março de 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intlpt/album/2Pj2E4KiP23xmw33GDsOns?si=JdpnsvB0S6yqrjpGuTviFQ>

## Sobre a autora



Foto de Juliano Sarraf



Crislane Rosa é mulher negra baiana, pesquisadora, escritora e professora. É doutoranda e mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), licenciada e bacharel em Geografia na mesma universidade, sendo membro dos Grupos de Pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação (UFBA). É autora do livro “Beije sua preta em praça pública: da apropriação do corpo à apropriação do espaço”, e publicada nos livros “Representação e Geografia”, “Enviadescer a Decolonialidade” e “A pele alvo”. É idealizadora e fundadora do Laboratório de Estudos sobre a Imbricação Racismo-Sexismo-Capitalismo (Lab Rachadura - @lab.rachadura / labrachadura.com) e criativa no projeto Andografias, onde reflete sobre a poética do deslocamento. Desenvolve pesquisas sobre espaços públicos, produção do espaço urbano, teorias feministas e antirracistas, regime heterossexual, decolonialidade, imbricação das relações sociais e temas correlatos.